

O SIGNIFICADO PARA A ONTOLOGIA E PARA A PSICANÁLISE DO ESPÍRITO DE SERIEDADE EM OPOSIÇÃO À LIBERDADE E À AUTENTICIDADE: A NÃO ACEITAÇÃO DA INCOMPLETUDE E DA FINITUDE

Autor: Jean Carlos Barbosa de Sousa¹

Orientadora: Eliana Sales Paiva²

¹Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

²Universidade Estadual do Ceará (UECE)

jeancarlos.barbosa@gmail.com

Resumo do artigo:

Segundo o pensamento de Jean-Paul Sartre, somos apenas conduzidos pela ontologia até as fronteiras da psicanálise existencial, sendo que onde uma encerra o seu trabalho, a outra inicia o seu. A ontologia nos abandona depois de conceder-nos a determinação dos fins últimos da realidade humana, assim como suas possibilidades e o valor que a infestam. O objetivo desta pesquisa é esclarecer sobre a problemática do espírito de seriedade como possibilidade da má-fé e suas implicações para a ontologia e para a psicanálise, a partir da verificação de como tal conduta se manifesta como oposição à liberdade e à autenticidade. O presente trabalho foi realizado mediante um estudo descritivo-analítico, desenvolvido por intermédio de pesquisa bibliográfica e análise de entrevistas gravadas em documentários sobre Jean-Paul Sartre, procurando concentrar-se na análise fenomenológica da relação entre a má-fé e o espírito de seriedade nos exemplos de tais comportamentos apontados em suas obras, com o intento de ampliar e enriquecer o conhecimento a respeito das relações concretas com o outro e mostrar a incapacidade de apreensão da liberdade do outro pela liberdade, assinalando as formas que recorrem à aceitação da má-fé como ameaça da consciência e sua realização em situação na forma de espírito de seriedade, assim como as implicações de tais comportamentos para a ontologia e para a psicanálise. Partindo do princípio de que a realidade humana é uma totalidade compreensível, Sartre almeja alcançar a compreensão dessa totalidade mediante uma investigação empírica do projeto de ser de cada realidade humana, usando o método regressivo-progressivo ao qual também pode ser chamado de psicanálise existencial.

Palavras-chave: Sartre, Espírito de Seriedade, Má-fé, Ontologia, Psicanálise.

INTRODUÇÃO

A maioria dos homens é ignorante de quaisquer fundamentos positivos para os valores que guiam suas ações, tranquilamente agindo como se tais fundamentos estivessem assegurados, promovendo, assim, uma falsificação existencial. Sartre chama de *espírito de seriedade* quando nos comportamos de acordo com o que os outros esperam que nos comportemos, para vermo-nos através do olhar dos outros, procuramos atingir uma justificação plena assumindo essa existência falsificada que

[...] capta os valores a partir do mundo e reside na substancialização tranquilizadora e coísta dos valores. Na seriedade, defino-me a partir do objeto, deixando de lado *a priori*, como impossíveis, todas as empresas que não vou realizar e captando como proveniente do mundo e constitutivo de minhas obrigações e meu ser o sentido que minha liberdade deu ao mundo.

(SARTRE, 1998, p.84)

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

Esse espírito de seriedade ilude-nos quanto ao fundamento de todo sentido e valor, portanto, a consciência de liberdade encontra-se para além dele. Essa consciência conduz um caminho que passa pela adoção duma postura reflexiva em que a liberdade nos é revelada como sendo o “nada de fundamento”, no qual e desde o qual devem ser sustentados todo sentido e valor, pois apenas nessa situação a consciência de liberdade pode surgir em toda a sua plenitude.

Quando o homem se deixa determinar pelo objeto, ou por uma objetividade que se pretende autônomas, assume “*l’esprit de sérieux*”; parte-se, então, do mundo e se atribui mais realidade ao mundo que a si mesmo (SARTRE, 1998, p.609). O materialista e o revolucionário são “sérios,” “porque eles se conhecem a partir do mundo que os esmaga e querem mudar esse mundo que os esmaga. (...) Marx colocou o dogma primeiro do sério quando afirmou a prioridade do objeto sobre o sujeito, e o homem é sério quando se toma por um objeto”. Essa seriedade define precisamente a má-fé, que bloqueia a espontaneidade inventiva dos atos. Por essa razão, “Sartre recusa toda a moral tradicional, que é livre para o mal e não para o bem, que é livre para o erro e não para a verdade” (SILVA, 1997, p.103). Bem e mal, verdade e erro devem ser invenções do homem. Nesse sentido, liberdade se faz sinônimo de libertação.

Todas as análises feitas por Sartre da realidade humana são condicionadas por uma experiência fundamental que se desvela no fato de que “o ser humano não é somente o ser pelo qual se revelam negatividades no mundo. É também o que pode tomar atitudes negativas com relação a si”. (SARTRE, 1998, p.92). Logo, trata-se de revelar o fundamento condicionador de tais atitudes, ou, em outras palavras, de compreender a sua dimensão ontológica. Assim sendo, uma nova questão é formulada: “que deve ser o homem em seu ser para que lhe seja possível negar-se?” (SARTRE, 1998 p. 93). Todavia, vale ressaltar que Sartre não toma a atitude de negação de si em sua universalidade, mas procura fazer uma análise de uma atitude que, em um só tempo, seja essencial ao homem e de tal forma que a consciência dirija sua negação a si mesma, em vez de para fora. Tal atitude, que pode caracterizar o processo de autonegação por permitir o acesso à negatividade fundamental que é o próprio homem, é a má-fé que se faz ameaça da consciência e se realiza em situação na forma de espírito de seriedade.

De acordo com o pensamento sartreano, a realidade humana busca ser o que ela não é, e não seja o que é. Desse modo, a existência

estabelece-se perpetuamente embriagada de uma ausência que não consegue preencher, logo, o homem está condenado a representar num teatro eterno. Cabe-se, aqui, levantar a questão que é: o que somos nós se temos a constante obrigação de nos fazer ser o que somos, se somos segundo o modo de ser do dever ser o que somos? Existe ainda um fato paradoxal da condição humana que precisa ser reconhecido: enquanto, de um lado, o homem não coincide plenamente com o ser, de outro, tende necessariamente ao ser. Assim sendo, o pressuposto da má-fé fixa-se no dualismo do existir humano - transcendência e facticidade - ou seja, “trata de afirmar a identidade de ambos, conservando suas diferenças. É preciso afirmar a facticidade como sendo transcendência e a transcendência como sendo facticidade, de modo que se possa, no momento que captamos uma, deparar bruscamente com a outra” (SARTRE, 1998, p.102). Trata-se sempre de um jogo de espelho e reflexo, “de construir a realidade humana como ser que é o que não é e não é o que é” (SARTRE, 1998, p.105), de reconhecer a impossibilidade do homem encontrar um porto seguro em si mesmo. Só posso ser em representação, todavia, “se represento, já não o sou: acho-me separado da condição tal como o objeto do sujeito – separado por nada, mas um nada que dela me isola, me impede de sê-la, me permite apenas julgar sê-la, ou seja, imaginar que a sou” (SARTRE, 1998, p. 106)

A Psicanálise apresenta uma tentativa teórica para a resolução do paradoxo que a má-fé implica à condição humana, entretanto, o núcleo de sua proposta reside no inconsciente, de forma que atribui à consciência uma subterrânea dimensão que subsiste em um nível abaixo da esfera da consciência. Admite-se que o inconsciente é um agente motivador, influenciador e até mesmo determinador das decisões tomadas conscientemente, mas sem ser percebido justamente por agir por trás da consciência propriamente dita. A teoria psicanalítica tenciona, por meio dessa cisão consciente/inconsciente, tornar compreensível a má-fé, mas de fato acabou-se tão somente a reproduzir a opacidade caracterizante das relações de transcendência entre várias consciências. Na perspectiva sartreana, não é possível concordar com os pressupostos de tal teoria porque a teoria do inconsciente comete um equívoco ontológico profundo quando introduz na dimensão do Para-si uma opacidade cabível somente ao Em-si, de modo a nos levar a um modelo em que a consciência aparece como recebendo toda significação desde o inconsciente, e não como instituidora de significatividade.

Através do fenômeno psicanalítico da resistência que o paciente oferece durante a análise, Sartre mostra que a compreensão da má-fé segundo a proposta psicanalítica está fadada ao fracasso. A psicanálise postula uma

instância intermediária entre a dimensão consciente e a inconsciente para explicar o comportamento do psicanalisado, que tende a dar resistência ao tratamento e, inclusive, tenta tirar a análise de seu curso na medida que a origem dos seus problemas psíquicos é cada vez mais aproximada pelo psicanalista. Tem-se que o paciente não poderia resistir ao tratamento, a menos que fosse, de alguma forma, consciente de que o psicanalista estivesse chegando na suposta fonte inconsciente de sua neurose. Todavia, faz-se necessário indagar como o psicanalisando pode perceber tal aproximação uma vez sendo ela inconsciente. A consciência foi cindida pela psicanálise que deve, portanto, chegar a um termo que estabeleça um meio de comunicação entre as dimensões da consciência. Seguindo esse caminho, a psicanálise conclui que a censura é o meio pelo qual o psicanalisando percebe aquilo que encobre por detrás de todas as manifestações de sua neurose, sendo ela a instância intermediária pela qual a consciência alcança o inconsciente. Dessa forma, reconhece-se na censura a mesma síntese contraditória entre enganador e enganado atribuída à má-fé. Logo, a psicanálise tão somente ampliou e complexificou o problema desde o início colocado pela má-fé, sem, entretanto, apresentar elementos originais que, de forma efetiva, possam ajudar na sua resolução. Em vista disto, a solução psicanalítica é revelada antes uma pseudosolução, pois essa teoria leva-nos a uma instância na qual o problema da má-fé se repõe e a explicação acerca de sua natureza deve ser reiniciada.

Verifica-se na obra de Sartre a sua busca pela definição do que deva ser o significado de ser-homem, que, por sua vez, definiu-se que o homem é a procura do fundamento; trata-se apenas de descobrir o que propriamente significa tal busca do fundamento, se não é o desejo do homem de se deificar. Isso foi visto por Sartre e o levou para mais longe do que poderia esperar, e sua análise da má-fé mostra o contraponto de tal busca, sendo que, em seu ponto de vista negativo, ela polariza a grande preocupação da doutrina sartreana. Mas diante dessa análise da má-fé, surgem questionamentos como: o que há de ser o homem em seu ser para poder ser de má-fé? Se o homem é o que é, a má-fé será definitivamente impossível, e a franqueza ou sinceridade deixará de ser seu ideal para tornar-se seu ser. Mas o homem é o que é? E, de modo geral, como se pode ser o que é, quando se é como consciência de ser?

A justificação do agir humano através de quaisquer esquemas causais-deterministas não é possível quando a consciência é compreendida como para-si – aquela instância nadificadora que aparta a realidade humana do ser-em-si. Logo, tem-se que inexistem qualquer natureza ou essência, transcendente ou

imane, a decidir antecipadamente que fins, dentre todos os demais, gozarão de privilégios. As decisões últimas quanto aos fins da existência são efetivamente tomadas na dimensão da liberdade, de forma que nosso agir livremente, muito antes de recorrer à vontade, encontra na própria liberdade a condição da reflexão e da ação. A vontade é tão somente a forma reflexiva da efetivação de determinados fins projetados pela consciência. Assim sendo, a ação voluntária e a involuntária são indistintas, pois independentemente da forma de ação escolhida, sempre se trata de uma opção feita pelo para-si desde o nada de fundamento da liberdade. A responsabilidade pela realização da liberdade atribui-se ao para-si, logo, à realidade humana, seja qual for a forma específica que essa realização adote.

A compreensão da liberdade radical da realidade humana como pressuposto da compreensão dessa própria realidade depende de que cada ação humana, inicialmente, deve ser relacionada ao para-si, de modo que o agir seja concebido no ponto de vista de uma totalidade inacabada que ao longo das dimensões da temporalidade se desenvolve e ao longo desse mesmo processo constitui-se ao longo desse mesmo processo. Para que não haja uma desfiguração da realidade humana, cada ação não mais deve ser compreendida como uma entidade psíquica, uma totalidade fechada sobre si mesma.

É com a compreensão das circunstâncias que constituem a realidade humana, enquanto ela jamais pode ser, necessitando continuamente projetar ser, que se pode situar a ação em seu contexto. Compreender a realidade humana a partir o seu projeto de ser nos leva a compreender da mesma forma como cada ação singular se coloca em relação com esse projeto e como essa particularidade é justamente uma abstração possível desde esse projeto. Uma vez fazendo referência de todo agir ao projeto a partir do qual esse mesmo agir adquire sentido e unidade, deixamos de fazer alusão às ações particulares de tal forma como se estas se dotassem de uma independência que lhes assegurasse neutralidade e objetividade. Portanto, tem-se que toda ação é desveladora de um projeto existencial determinado. Mas se toda ação está ontologicamente vinculada ao projeto que a constitui, então, a compreensão dessas mesmas ações não somente devem referir-se ao projeto como também este é igualmente fundamental enquanto estabelecedor dos limites entre as ações efetiváveis por uma certa realidade humana e as ações que tão somente não se colocam no horizonte do projeto assumido por essa mesma realidade.

Inicialmente, pode-se caracterizar o projeto como o conjunto das possibilidades auto-postas a uma realidade humana,

consequentemente, todas as possibilidades de ação exteriores ao projeto por essa mesma realidade fazem-se virtualmente inacessíveis a ela.

Mesmo que uma realidade humana seja livre, por princípio, para assumir qualquer projeto, o que inicialmente abre qualquer conjunto de possibilidades, faz-se necessário que algum projeto dentre os possíveis seja escolhido. Nossa liberdade está de certa forma condenada a escolher seja o que for, afora não escolher. Isto decorre da natureza ontológica do para-si que obriga a realidade humana a manter uma relação determinada com o mundo, relação esta que deve ser trocada por outro conjunto de possibilidades ou reafirmada permanentemente.

O projeto detém um caráter eminentemente dinâmico que o remete, enquanto instância última, à relação ontológica original entre o ser-para-si e o ser-em-si. O para-si, sendo impossível de constituir-se ontologicamente de outra forma que não como relação, constitui-se como uma determinada relação. Sendo obrigada ontologicamente a escolher um projeto, a realidade humana deve admitir-se como totalmente responsável por essa escolha que é completamente injustificável. Não se deve, todavia, considerar a relação entre as ações particulares dadas no interior desse projeto e a eleição original do mesmo tal qual uma relação meramente causal, mas tomar em cada uma das ações particulares em que se constitui o projeto original a sua realização enquanto atualizações possíveis desse projeto. Tem-se, pois, que as relações traçadas entre as ações particulares e um dado projeto no interior dele mesmo são instituídas pelo para-si que constitui o projeto.

A análise existencial, portanto, toma o projeto original como seu objeto privilegiado, uma vez que o conceito desse projeto pressupõe um entendimento de uma unidade sintética que integraliza as ações particulares, da mesma forma em que uma estrutura total ou primária subjuga as estruturas parciais ou secundárias. Nota-se, então, que tal análise difere consideravelmente da que a psicologia empírica, em razão desta definir o homem por seus desejos, o que mantém o psicólogo empírico em sua condição de vítima da ilusão substancialista, uma vez que “encara o desejo como existente no homem a título de ‘conteúdo’ de sua consciência, e supõe que o sentido do desejo é inerente ao próprio desejo”. (SARTRE, 1998, p. 682). A psicologia empírica desvia-se, assim, de toda idéia de uma transcendência, dando por encerrada a investigação psicológica tão logo o conjunto concreto dos desejos empíricos seja atingido.

O projeto original possui um sentido que se constitui pelo para-si que tenciona misturar-se com a plenitude ontológica do em-si sem largar, simultaneamente, da dimensão nadificante que lhe é própria. Ser consciência de ser e, ao mesmo tempo, esse ser do qual é consciência – ou seja, ser em-si-para-si -, é o almejo último de todo para-si e de toda realidade humana. “O que exigimos – e que jamais tentam nos proporcionar – é, pois, um verdadeiro irreduzível, ou seja, um irreduzível cuja irreduzibilidade nos fosse evidente, e que não nos fosse apresentado como o postulado do psicólogo e o resultado de sua recusa ou incapacidade de ir mais longe, mas sim cuja constatação produzisse em nós um sentimento de satisfação.” (SARTRE, 1998, p.686). Entretanto, é impossível para o para-si identificar-se com o em-si sem deixar de ser para-si. Esse desejo de ser em-si-para-si, de tornar-se fundamento absoluto, não deixando de ser consciente dessa fundamentação – ou seja, aquele gênero de ser chamado de Deus pela tradição ocidental –, não é capaz de ser realizado de forma ontológica, estando o projeto de ser do para-si fadado ao fracasso.

Toda realidade humana é uma paixão, já que projeta perder-se para fundamentar o ser e, ao mesmo tempo, constituir o Em-si que escape à contingência sendo fundamento de si mesmo, o *Ens causa sui* que as religiões chamam de Deus. Assim, a paixão do homem é inversa à de Cristo, pois o homem se perde enquanto homem para que Deus nasça. Mas a idéia de Deus é contraditória, e nos perdemos em vão: o homem é uma paixão inútil. (SARTRE, 1998, p. 750)

O para-si nunca pode deixar de se dirigir ao em-si apesar de ser incapaz de alcançá-lo, justamente porque é esse movimento incessante que o define. Para negar esse fracasso fundamental – o fracasso de realizar-se como ser em-si-para-si – a reflexão de má-fé cria mistificações psíquicas. Apenas com o entendimento da total falta de sentido dessa infundável busca pelo ser, busca esta que está na constituição do próprio sentido último do projeto de ser de toda realidade humana, que levantamos a possibilidade da existência autêntica. Contudo, vale ressaltar que o movimento em direção ao ser não cessa exatamente em razão desse movimento constituir o ser do para-si, mas a ilusão de o objetivo desse movimento possa ser alcançado, essa sim, é que cessa; dessa forma, as ações não mais se dirigirão ao objetivo ilusório que para elas significa o em-si-para-si, passando a definir-se tão somente como ação instituída brevemente que, enquanto tal, é fundamentada apenas pela ausência de fundamento da liberdade que o manifesta, não possuindo nenhum outro objetivo afora essa mesma manifestação.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada mediante um estudo descritivo-analítico, desenvolvido por intermédio de pesquisa bibliográfica e análise de entrevistas gravadas em documentários sobre Jean-Paul Sartre, procurando concentrar-se na análise fenomenológica da relação má-fé e espírito de seriedade nos exemplos de tais comportamentos apontados em suas obras, com o intento de ampliar e enriquecer o conhecimento a respeito das relações concretas com o outro e mostrar a incapacidade de apreensão da liberdade do outro pela liberdade, assinalando as formas que recorrem à aceitação da má-fé como ameaça da consciência e sua realização em situação na forma de espírito de seriedade, assim como as implicações de tais comportamentos para a ontologia e para a psicanálise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A psicologia tradicional não nos leva até o ponto final de toda investigação sobre a realidade humana – o que, a saber, é o projeto original –, fixando-se perante determinados dados psíquicos (i.e., o amor, o ódio, etc.), de tal modo como se, de forma essencial, caracterizassem o homem assim como se o perfil psicológico composto por esses dados descrevessem a natureza humana. Mas Sartre, ao partir do princípio de que a realidade humana é uma totalidade compreensível, almeja alcançar a compreensão dessa totalidade mediante uma investigação empírica do projeto de ser de cada realidade humana, usando o método regressivo-progressivo ao qual também pode ser chamado de psicanálise existencial. A caracterização desse método é apresentada por Sartre nos seguintes termos.

O princípio desta psicanálise consiste na assertiva de que o homem é uma totalidade e não uma coleção; em consequência, ele se exprime inteiro no mais insignificante e mais superficial das condutas – em outras palavras: não há um só gosto, um to tique, um único gesto humano que não seja revelador.

O Objetivo da psicanálise é decifrar os comportamentos empíricos do homem, ou seja, clarificar ao máximo as relações que cada homem contém e determiná-las conceitualmente.

Seu ponto de partida é a experiência; seu ponto de apoio, a compreensão pré-ontológica e fundamental que o homem tem da pessoa humana.” (SARTRE, 1998, p. 696)

Por um lado, trata-se de procurar aquilo que define toda a realidade humana, ou seja, o seu projeto original que, em cada ação e comportamento particulares, se revela e se constitui – daí o momento regressivo dessa análise. Enquanto que, por outro lado, trata-se de apresentar de que maneira o projeto original se

desenrola em cada ação e comportamento considerados de forma particular – sendo este o momento progressivo.

Mas tanto a psicanálise existencial quanto a psicanálise tradicional possuem uma mesma limitação básica à medida que tencionam constituir-se como conhecimento, haja vista que a consciência não pode constituir outro conhecimento senão o de um ser que não é ela mesma; de forma que, apenas conforme a consciência se relaciona com um objeto que lhe é exterior, a objetividade própria do conhecimento é garantida. Também existe uma semelhança fundamental entre ambas no que lhes refere ao método.

Não podendo servir de base para a psicanálise existencial, a reflexão a ela irá fornecer, portanto, simplesmente materiais em bruto acerca dos quais o psicanalista deverá tomar a atitude objetiva. Só assim poderá *conhecer* aquilo que já *compreende*. Daí resulta que os complexos extirpados das profundezas inconscientes, tal como os projetos revelados pela psicanálise existencial, serão apreendidos do ponto de visto do outro. Por conseguinte, o objeto assim clarificado será articulado conforme as estruturas da transcendência-transcendida, ou seja, seu ser irá consistir no ser-Para-outro. O que escapa sempre a esses métodos de investigação é o projeto tal qual é para si mesmo, o complexo em seu próprio ser. Esse projeto-Para-si não pode ser senão *desfrutado*; há incompatibilidade entre a existência Para-si e a existência objetiva. Mas o objeto das psicanálises nem por isso deixa de ser a realidade de um ser; seu conhecimento pelo sujeito pode, além disso, contribuir para iluminar a reflexão, e esta pode converter-se então em um desfrutar que será quase-saber. (SARTRE, 1998, p. 698-699)

Apesar de tanto a psicanálise existencial quanto a psicanálise empírica terem em comum a busca por uma atitude fundamental em situação, ambas expressam suas definições segundo leis de sínteses específicas. A psicanálise existencial procura atingir a escolha original pela qual o para-si escolhe seu projeto de ser como ponto extremo de sua análise. Enquanto que psicanálise empírica, ou tradicional, toma como base de sua investigação a noção de inconsciente.

O método regressivo-progressivo da psicanálise existencial é mencionado por Sartre em *O Ser e O Nada*, entretanto, é melhor desenvolvido ilustrativamente por meio do estudo biográfico de Charles Baudelaire. Neste ensaio crítico-biográfico, várias das estruturas da realidade humana são nitidamente ilustradas, assim como as estratégias usadas pela má-fé objetivando uma mistificação existencial. Todavia, o que é chamado por Sartre de comportamento de “homem-sério” – ou seja, do homem que, por estar mergulhado na má-fé, não mais atua como se fosse fonte própria de todo sentido e valor – não é assumido por Baudelaire em toda a sua extensão porque este não pode fugir da consciência de que inexistem quaisquer outros valores que estejam afora dos que são sustentados e constituídos pela consciência a partir do sem fundamento de sua

liberdade. Assim sendo, o poeta francês, Baudelaire, é apresentado como sendo incapaz de submergir por completo em sua má-fé ao mesmo tempo em que resiste em tomar-se como um verdadeiro criador de valores.

Mas o resultado principal da psicanálise existencial deve ser fazer-nos renunciar ao *espírito de seriedade*. O espírito de seriedade tem por dupla característica, com efeito, considerar os valores como dados transcendentais, independentes da subjetividade humana e transferir o caráter de “desejável” da estrutura ontológica das coisas para sua simples constituição material. (SARTRE, 1998 p. 763)

Como esse espírito de seriedade impera sobre o mundo, então, acaba por fazer com que a opacidade do objeto seja destacada e o coloca como um desejável irreduzível em si mesmo. Em sua busca pelo ser, o homem camufla de si mesmo o projeto livre que constitui tal busca, e de uma forma que se espera por tarefas colocadas em seu caminho. Nada mais é o homem senão a obediência passiva às exigências mudas que são os objetos.

É assim, precisamente, que o Para-si se apreende na angústia, ou seja, como um ser que não é fundamento de seu ser, nem do ser do outro, nem dos Em-sis que formam o mundo, mas que é coagido a determinar o sentido do ser, nele e por toda parte fora dele. Aquele que realiza na angústia sua condição de ser arremessado em uma responsabilidade que reverte até sobre sua derrelição já não tem remorso, nem pesar, nem desculpa; já não é mais do que uma liberdade que se revela perfeitamente a si mesmo e cujo ser reside nesta própria revelação. Mas, como sublinhamos no início desta obra, na maior parte do tempo fugimos da angústia na má-fé. (SARTRE, 1998, p. 681)

CONCLUSÃO

Para a ontologia sartreana, o inconsciente não pode ser apresentado como um ser-em-si atuante por sob a consciência. Assim sendo, Sartre denuncia que a consciência é reduzida pela psicanálise tradicional ao status de consciência coisificada, caracterizando a realidade humana tão somente ao modo do “era”. Contudo, tal psicanálise empírica deveria orientar-se para o futuro, enquanto que a psicanálise existencial orienta-se para o presente, em situação, em que a dimensão futura projeta o para-si que fez sua escolha num agora que foi definido. E justamente almejando tal mudança, se faz necessário substituir o conceito de inconsciente pelo conceito de má-fé. Haja vista que, para a psicanálise existencial, a noção de inconsciente enquanto instância última de caráter determinante e validade universal carece de sentido. Uma vez permitindo que o próprio método analítico nos aponte o sentido de todo projeto de ser – em razão deste tanto expressar-se quanto constituir-se diferentemente em cada realidade humana -, estaremos substituindo esse postulado. Exatamente por isso que o método regressivo-progressivo deve oscilar permanentemente

entre os comportamentos empíricos e o projeto de ser que lhes dá unidade.

A análise existencial, nesse sentido, diferencia-se nitidamente da ontologia: posto que a ontologia em nada pode atuar no campo próprio desta psicanálise, apesar de lhe fornecer seus fundamentos. Somos apenas conduzidos pela ontologia até as fronteiras da psicanálise existencial, sendo que onde uma encerra o seu trabalho, a outra inicia o seu. A ontologia nos abandona depois de conceder-nos a determinação dos fins últimos da realidade humana, assim como suas possibilidades e o valor que a infestam. E não mais a ela devemos recorrer, uma vez que o projeto de ser da realidade humana é desvelado como sendo o de tornar seu próprio para-si em um ser em-si-para-si, em outras palavras, é o projeto de tomada do mundo como uma totalidade subordinada a uma qualidade fundamental.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Sartre**. In. História da Filosofia. Lisboa: Presença, 1978. v.14.
- AGUIAR, Eliana Sales Paiva. **Conflito e intersubjetividade em O Ser e o Nada de Sartre**. Fortaleza, UFC, 2003. 114p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Universidade Federal do Ceará, 2003.
- ALBÉRÈS, R.M. **Jean-Paul Sartre**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1958.
- BORNHEIM, Gerd. A. **Sartre**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1984.
- BURDZINSKI, Júlio César. **Má-fé e autenticidade**. Ijuí: Unijuí, 1999.
- DANTO, Athrur C. **As Idéias de Sartre**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- GERD. A. **Sartre**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- GILLES, Thomas. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.
- _____. **A história do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.
- JOLIVET, Régis. **Sartre ou a teologia do absurdo**. São Paulo: Herder, 1968.
- KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia**. São Paulo: Hemus, 1968.
- _____. **O Desespero Humano**. In: Os Pensadores. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- LUIJPEN, W. **Introdução à fenomenologia existencial**. Trad. de Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: EPU, 1973.
- MACIEL, Luiz Carlos. **Sartre vida e obra**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- MOUTINHO, Luis Damon. **Sartre: existencialismo e liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.
- SANTOS MOUTINHO, Luiz D. **Sartre: Passagem da Psicologia à Fenomenologia**.

In: Discurso – Revista do departamento de Filosofia da USP, São Paulo, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e O Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. In. Os Pensadores. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. **A imaginação**. In. Os Pensadores. 6.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

_____. **A náusea**. São Paulo: Círculo do livro, 1987.

_____. **Entre quatro paredes** São Paulo: Abril Cultural, 1977.

_____. **Questão de Método**. In. Os Pensadores. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

